

## ANTERO, EÇA E A UNIFICAÇÃO DE ITÁLIA

MANUEL G. SIMÕES\*

A chamada “geração de 70”, que desde os anos de Coimbra se bateu sempre por uma revolução das mentalidades e pela introdução, em Portugal, da nova ideia que irradiava do centro da Europa, não podia ficar indiferente aos fermentos que agitaram os oito estados italianos e que viriam a confluir no Reino de Itália sob a égide de Vittorio Emanuele II da Sardenha, sagrado rei de Itália “por graça de Deus e vontade da nação” em 17 de Março de 1861. É certamente que os seus maiores animadores seguiam com ansiedade as vicissitudes por que passava o jovem Reino até à anexação dos territórios ainda sob o domínio da Áustria, como era o caso da região do Vêneto, ou do estado pontifício do Vaticano.

Por isso causou alguma surpresa, entre os críticos, a leitura do primeiro opúsculo redigido por Antero, apenas terminado o curso, uma espécie de panfleto que exhibia o título intrigante de *Defesa da Carta Encyclica de Sua Santidade Pio IX contra a chamada opinião liberal: considerações sobre este documento* e publicado em Coimbra em 1865. A Carta encíclica referida por Antero é o documento em que Pio IX promulga o *Syllabus*, compêndio das doutrinas consideradas heréticas e condenadas pela Igreja, onde não faltavam todas

---

\* Professor jubilado de Literatura Portuguesa e Brasileira da Universidade Ca' Foscari de Veneza. Poeta e ensaísta.

as inovações de carácter científico, filosófico e político dos novos tempos. Daí que a conclusão de Antero entrasse na lógica do seu pensamento, lógica que veiculava a imagem do Progresso, da Razão e da Evolução: “o maior revolucionário foi o Papa [...] porque foi ele quem achou a palavra da situação: o cristianismo e o mundo moderno são incompatíveis e inimigos”<sup>1</sup>. O escândalo, provavelmente, residiu na leitura da *Defesa* como necessidade de polémica contra o pensamento liberal português, ou como refere Eduardo Lourenço, “Par la pensée, il était avec les militants et les rêveurs d’un monde nouveau, par le coeur, la parole morte prononcée au nom du Dieu vivant ébranlait en lui le rêveur d’absolu à jamais inconsolé de s’être séparé de l’ancienne Foi”<sup>2</sup>.

De qualquer modo vislumbra-se aqui uma espécie de duplicidade que faz parte da aventura espiritual de Antero de Quental, e há motivos para supor que, com toda a probabilidade, Antero não partilhasse, no caso específico das peripécias que envolveram a unificação de Itália, nem a posição de Pio IX nem a de Garibaldi.

De facto, como é sabido, em Janeiro de 1866 Antero escreve a António de Azevedo Castelo Branco para lhe propor uma aventura que talvez pudesse ser *decisiva* para eles:

Tens naturalmente lido os jornais. Sabes do que vai por Itália, e dos alistamentos de voluntários I Garibaldinos. Ainda que o Congresso que se projecta desate tudo em boa ou má paz, aquela gente não desarma e, por conseguinte, não se morre de fome. Creio ser esta para nós uma boa ocasião de sairmos do absurdo sopa-vaca e arroz da vida ordinária. Queres ir? *Un bel morir tuta la vita onóra...*<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Cit. de António José Saraiva, *A tertúlia ocidental. Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*, Lisboa, Gradiva, 1990, p. 188.

<sup>2</sup> E. Lourenço, *A noite intacta. (I)recuperável Antero*, Vila do Conde, Centro de Estudos Anterianos, 2000, p. 119.

<sup>3</sup> Antero de Quental, *Cartas I [1852]-1881*, organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins, Lisboa, Comunicação, 1989, p. 61.

Em vez da Itália, foi Paris que o viu chegar no Inverno de 1867, com a intenção de cumprir o seu programa inicial de se fazer operário e de se alistar no “grande exército do proletariado”, ideia que iria fazer parte das suas frustrações e da questão conflitual que travava consigo próprio, mesmo considerando que o sentido de conflito é por natureza dinâmico. A estadia em Paris, porém, não podia resolver a sua constante inquietação, a sua necessidade de fugir ao marasmo (mas fugir para onde? – diz noutra carta ao amigo Alberto Sampaio, na mesma época). Entretanto a guerra italiana entre o Papa e Garibaldi continuava acesa, o que leva Antero, que então conduzia uma vida solitária e inactiva em Ponta Delgada, a endereçar ao mesmo Alberto Sampaio, em 1868, esta “extravagante” proposta, segundo as suas próprias palavras:

É ir assentar praça de voluntário nos Zuavos pontifícios, em Roma. No nosso estado, quando se procura a acção, deve ser uma acção estranha bastante, e nesse género parece-me que escolhi bem. Que humorismo profundo em todos os contrastes de uma tal vida! Ateus a montarem guarda ao Vaticano! Socialistas a defenderem o poder temporal do Papa! Que há de mais característico em todas as contradições expressivas do nosso tempo? Depois Roma... e o mundo originalíssimo de aventureiros que há dois anos não cessam, de todos os pontos da Cristandade, de correr para Roma. Espero que haverá no meio dela pelo menos uma dúzia de homens com quem nos agradará viver...<sup>4</sup>

Ora estes dois projectos contraditórios, programados a dois anos de distância, deixam supor um desejo de acção aparentemente sem uma análise profunda das motivações e das causas que conduziam ao teatro dos eventos, estranho para quem já em 1864 fechava as *Odes modernas* deste modo: “Se já desaba o tecto das Igrejas/ e o docel d’esses Tronos,/ é porque um outro céu maior nos cubra.../ O céu da Liberdade!”<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> *Ib.*, pp. 99-100.

<sup>5</sup> Antero de Quental, *Odes modernas*, prefácio de Nuno Júdice, 3ª. ed., Lisboa, Ulmeiro, 1989, p. 197.

Antero explicará na mesma carta a Alberto Sampaio que se tratava duma tentativa “para durante alguns anos no silêncio dum ócio espiritual deixarmos cristalizar a nossa alma futura”<sup>6</sup>, isto é, na impossibilidade de se ligar à “vida ordinária”

É então indispensável atirar-me a qualquer coisa de violento e pela estranheza assaz atractivo para durante um ou dois anos me gastar este fermento de inquietação e revolta que não me deixa fazer nada do que a razão me diz ser bom e até necessário.<sup>7</sup>

No fim de contas, revelam-se aqui os reflexos do conflito insanável que uma indagação ontológica põe em evidência no itinerário existencial do autor dos *Sonetos* ou das *Causas da decadência dos povos peninsulares*.

Eça de Queiroz, por seu lado, parece ocupar-se pela primeira vez da questão italiana, ainda que indirectamente, ao traduzir e publicar no *Distrito de Évora*, aos 21 anos, fragmentos da *Viagem a Itália*, de Taine, e cujo primeiro segmento textual saiu no n.º 2, de 10 de Janeiro de 1867. Aqui louva Eça a análise social de *Voyage en Italie* e, ao mesmo tempo, o génio artístico de um povo de que o livro de H. Taine apresenta seguramente uma “imagem desta Itália que tanto tem sofrido, tão bela e tão desolada, dilacerada pelas revoluções, angustiada pelas tiranias, que hoje, enfim, está na véspera da liberdade e da Unidade”<sup>8</sup>. Fragmentos da mesma obra foram publicados no referido jornal eborense em 17-1, 7-2, 14-2, 21-2 e 4-8 daquele ano, sendo de salientar o comentário do então jovem escritor, antecedendo a última transcrição do livro de Taine: “A sociedade romana está de um dia para o outro a transformar-se de todo: a revolução bate às portas de Roma e há-de invadi-la, expulsando dos

---

<sup>6</sup> Id., *Cartas I*, p. 100.

<sup>7</sup> *Ib.*

<sup>8</sup> Eça de Queiroz, *Prosas Esquecidas II*, ed. organizada por Alberto Machado da Rosa, Lisboa, Presença, 1965, p. 390.

seus redutos todos os germens do mal”<sup>9</sup>. É inegável, como se vê, o interesse de Eça de Queiroz pelos eventos que envolveram Garibaldi, de que encontramos uma referência no conto José Matias, com a curiosa transformação metonímica do onomástico em peça de vestuário (“um garibaldi”), frequente em *O crime do Padre Amaro* e noutras obras do Autor.

Mas outras referências atestam a solidariedade em relação à Itália unificada, aspecto que o romancista português seguia com a voz da razão. Àquele ano de 1867 faz remontar Eça o seu “encontro” com Fradique Mendes, depois deste, segundo o biógrafo, ter deixado o Quartier Latin para viajar por todo o mundo, e se ter envolvido em acontecimentos históricos de grande impacto: “Vestido com a camisa escarlate, acompanhara Garibaldi na conquista das Duas Sicílias; [...] fizera a campanha da Abissínia e recebia cartas de Mazzini”<sup>10</sup>, o que significa que o biógrafo de Fradique transpõe para este o que tinha sido um vago desejo, não concretizado, de um dos responsáveis pela criação do heterónimo, isto é, Antero de Quental.

E já depois da “presa di Roma”, em 20 de Setembro de 1870, não sem que Vittorio Emanuele tivesse oferecido ao Papa uma solução pacífica, recusada por este, em Maio de 1871 escreve Eça de Queiroz uma das suas temíveis farpas em que se refere a uma pastoral do bispo do Algarve, a qual terminava pedindo esmolas para o Papa. E comenta textualmente:

Esmolas! Esmolas! O papado quando tinha Roma, apresentava o estranho caso de um estado fundado unicamente sobre a mendicidade. Roma vivia das esmolas do Mundo. Papa, cardeais, clero e população eram todos mendigos de profissão. Mas hoje o Papa não tem Roma, e as esmolas continuam a tomar o caminho de Roma!<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> *Distrito de Évora*, nº. 60, de 4-8-1867. *Ib.*, p. 417.

<sup>10</sup> Eça de Queiroz, *A correspondência de Fradique Mendes*, Mem Martins, Europa-América, s.d., p. 20.

<sup>11</sup> *Id.*, *Uma campanha alegre*. De “*As Farpas*”, vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1969, p. 55.

É evidente que Eça pretende atingir as relações entre a Igreja e a sociedade, condenando uma tradição secular que condicionava a vida social.

De teor completamente diferente, são as duas páginas cintilantes de Eça, de Setembro do mesmo ano, a propósito da visita a Lisboa de S.A.R. o príncipe Umberto de Savoia. Ao contrário do que tinha acontecido em Madrid, onde o príncipe aparecera em lugares públicos, a sua passagem por Lisboa passou despercebida, sem a inspiração, nas palavras de Eça, de ir tomar café ao Martinho. O cronista explica esta reserva como timidez, tranquilizando irónica e maliciosamente o príncipe: “Tínhamos em nossa honra entregá-lo, escorreito e são, ao único país legitimamente autorizado a devorá-lo – o belo país de Itália, Italia mater!”<sup>12</sup>.

Mas o clero volta a estar sob a mira de Eça de Queiroz, como sucedeu frequentemente, desta vez na farpa de Julho de 1872, em que vituperou o prior de Belas pelo sermão político proferido do púlpito: “e a doutrina que ensinou foi que Vítor Manuel é um ladrão, e que é um ladrão o sr. de Bismarck. De resto Pio IX é Cristo”<sup>13</sup>. Eça considera que o sermão não foi uma crítica política mas uma difamação pessoal: “não analisou historicamente, juridicamente, os actos de Vítor Manuel e as ideias de Bismarck; não, chamou-lhes simplesmente ladrões”<sup>14</sup>. O Autor visava uma prática comum por parte do clero, que impunemente, e na sequência da encíclica *Respicientes* – onde se declarava “injusta, violenta, nula e inválida” a ocupação italiana e onde Pio IX proclamava a sua condição de prisioneiro, excomungando o rei de Itália -, se servia do púlpito para lançar anátemas de toda a ordem, atitude radical que terá contribuído não pouco para o anti-clericalismo de algumas figuras da “geração de 70”, em particular de Guerra Junqueiro.

---

<sup>12</sup> *Ib.*, p. 192.

<sup>13</sup> *Ib.*, p. 166.

<sup>14</sup> *Ib.*, p. 167.